

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE
FUNDAÇÃO EM 1963
Filiada à International Psychoanalytical Association

Jornal da

SPPA

ANO 19 • DEZEMBRO 2020 • Nº 36

PORTO ALEGRE • RS • BRASIL

Identidade Psicanalítica: bate-papo entre gerações



Homenagem a Romualdo Romanowski



José Carlos Calich

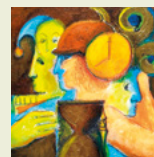
Psicanalista. Membro Efetivo e Didata da SPPA

Em Porto Alegre, estamos completando mais de 7 meses com restrição de nossa mobilidade e de contatos sociais, sendo que muitos de nós continuamos limitados às próprias casas, com predomínio de atendimentos remotos e sem uma perspectiva clara da duração deste estado. Pelo caminho, tivemos colegas contaminados e familiares de colegas falecidos após contaminação. Já perdemos amigos queridos e também conhecidos. E, como ocorre, tivemos perdas não relacionadas ao coronavírus. Faleceu, no início deste ano, um dos nossos colegas mais antigos e prestigiados, Romualdo Romanowski, estando nessa edição dois artigos em sua homenagem. É um ano de desacomodações, diferentes crises e tristezas. De alguma forma, todos se acostumaram ao “novo normal”, que melhor seria chamarmos de “novo anormal”. Tentando regressar de qualquer modo a uma vida ‘normal’, alguns criaram soluções para não entrar em contato com tantas restrições, restrições e tristezas, aproveitando o pouco que se sabe sobre o vírus, o mau uso que se faz da velocidade e a falta de limites da comunicação nos dias de hoje, para então negar sua gravidade e suas consequências. Outros tiram vantagens da confusão e, assim, criam mais confusão. Porém, olhando bem de perto, vemos aflições e enlutamentos por todos lados. As graves crises que ocorrem - e que provavelmente serão intensificadas - em nosso país, em nosso continente e no mundo auxiliam o estabelecimento dessas angústias. A quantidade de incertezas não é bem-vinda à maior parte das pessoas, e a impossibilidade de saber onde vamos parar e o que vai resultar desta enorme “montanha-russa” está no pano de fundo de nossa informação midiática diária e de nossas conversas pessoais. Graças a uma estrutura sólida e cuidadosa-

Escrevo essas “Palavras do Presidente” no final de outubro de 2020. Obviamente, já não é mais necessário discorrer sobre o ineditismo e a estranheza que envolve a pandemia pelo coronavírus e suas consequências no ano de 2020.

mente construída ao longo de sua existência, com rapidez nossa Sociedade encontrou caminhos para a continuação das suas atividades. Já na primeira semana de alerta sanitário, fechamos a sede e passamos a ter todos os procedimentos realizados de forma remota. Foi possível retomar, em seguida, nossas atividades de ensino, científicas e administrativas, assim como as ações junto à comunidade e as relações com outras instituições, tudo com muita vitalidade. Fizemos reuniões para discutir as repercussões destas mudanças em nossos consultórios e, recentemente, reunimo-nos com um epidemiologista para uma atualização sobre os riscos de contaminação e as perspectivas futuras. Criamos um serviço gratuito de “Atendimento Solidário” para pessoas de nosso Estado que estivessem necessitando falar sobre suas preocupações e situações. Convidamos treze outras instituições para participar dessa tarefa. Até o dia de hoje, atendemos em torno de 1.600 pessoas da população. Tivemos que fazer uma otimização de custos, o que nos obrigou, dentre outras providências, a diminuir a frequência de publicação de nossa Revista científica e Jornal. Com tudo isso, foi possível favorecer a proteção de nossos funcionários e membros. Conseguimos, assim, entrar nessa nova ‘anormalidade’ com estabilidade, determinação e esperança. Não sabemos o tempo que iremos ficar dessa forma, nem quais outras mudanças precisaremos fazer. Não temos qualquer previsão de retorno às atividades presenciais, e só o faremos quando tivermos segurança para todos os envolvidos. Ao nos mantermos ativos e contribuindo com nossos pacientes, com a comunidade e com a reflexão psicanalítica, continuamos ligados à vida, disponíveis para apreciar sua beleza.

CAPA



Clara Pechansky - *A Verdade e o Tempo* - Técnicas combinadas, 18x18cm, 2020 - Obra exposta virtualmente no catálogo Miniarte Verdade 2020 e em Bogotá, Colômbia (Exposição *El artista en su intimidad*).

Mais de 60 exposições individuais no Brasil, Alemanha, Bélgica, Colômbia, EUA, Espanha, Holanda, México e Portugal. Mais de 200 participações nacionais e internacionais. Em 2003 criou o Projeto Miniarte Internacional, que já viajou os cinco continentes. Em fevereiro de 2020, fez duas conferências e uma exposição com mais 33 mulheres suas convidadas na Universidade Autónoma de Sinaloa, México. Homenageada da exposição virtual *Un Minuto de Reflexión en el Arte Internacional* pela mesma universidade. Em março de 2020 produziu a *Miniarte Verdade*, com um catálogo virtual de 400 artistas e em novembro inaugurou a exposição *O Sonho no Espelho*, na Gravura Galeria, em Porto Alegre. www.pechansky.com.br.

Expediente

PRESIDENTE

José Carlos Calich

DIRETORA ADMINISTRATIVA

Maria Cristina Garcia Vasconcellos

DIRETOR CIENTÍFICO

Maurício Marx e Silva

DIRETORA FINANCEIRA

Cláudia Giacommet De Carli

DIRETORA DE PUBLICAÇÕES

Lúcia Thaler

DIRETOR DE DIVULGAÇÃO E

AÇÕES JUNTO À COMUNIDADE:

Emílio Salle

DIRETORA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Nara Amália Caron

DIRETOR DO INSTITUTO

Zelig Libermann

COMISSÃO EDITORIAL

Paulo Berél Sukiennik (Editor)

Laura Meyer da Silva, Marcelo Felipe, Marcelo Garcia Vaz,

Regina Orgler Sordi

JORNAL DA SPPA

Tiragem: 2.000 exemplares

Fotos utilizadas: Arquivo/SPPA

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Ana Klein (DRT/RS 8741)

Vera Nunes (DRT/RS 6198)

REVISÃO

Gustavo Czekster

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Clemente Design

Nova Diretoria



Tomou posse no dia 16/01/2020, em Assembleia Geral, a nova diretoria da SPPA. A presidência será exercida por José Carlos Calich (sentado ao centro). À esquerda, Nara Amália Caron, diretora da Infância e Adolescência e à direita, Zelig Libermann, diretor do Instituto. Em pé (da esquerda para direita), Emílio Salle, diretor de Divulgação e Ações junto à Comunidade; Lúcia Thaler, diretora de Publicações; Maurício Marx e Silva, diretor Científico; Cláudia Giacommet De Carli, diretora Financeira e Maria Cristina Garcia Vasconcellos, diretora Administrativa.



Paulo Berél Sukiennik
Psicanalista.
Membro Associado da SPPA

Identidade psicanalítica ou recomendações de Romualdo aos que exercem a psicanálise

Nesta edição realizada durante a pandemia, estamos trabalhando para sempre aprimorar a nossa identidade psicanalítica. O paciente precisa ser conhecido em todas as suas partes por uma pessoa: o analista. Conforme ensinou Donald Winnicott, ser conhecido significa sentir-se integrado pela pessoa do analista.

Horacio Etchegoyen, mestre argentino também já homenageado por esse jornal, lembrou-nos dos ensinamentos de Sigmund Freud: a Psicanálise é uma teoria da personalidade, um método de psicoterapia e um instrumento de investigação científica, querendo destacar que, por uma condição especial, intrínseca a esta disciplina, o método de investigação coincide com o procedimento de cura, porque, à medida que a pessoa conhece a si própria, pode modificar sua personalidade. O grande achado de Freud consiste em que, descobrindo traumas, lembranças ou conflitos, os sintomas da enfermidade se modificam e a personalidade enriquece, amplia-se e se reorganiza.

Carlos Vieira, psicanalista de Brasília, ressalta que nós, analistas, nesse momento, temos

a responsabilidade, diante da sociedade civil, de cuidar da prática de uma psicanálise que privilegie a criatividade e a expansão do conhecimento psíquico, através de mais contato e intimidade com o inconsciente dos analisandos. Não temos compromisso em oferecer soluções mágicas, onipotentes, religiosas e morais, mas em expandir o conhecimento da realidade psíquica para que possamos lidar de modo mais criativo com conflitos e criar arranjos de maior liberdade interna, enganarmo-nos menos, tolerar nossa "loucura pessoal", tirando proveito dela para um convívio menos sofrido dentro de nós mesmos e nas relações interpessoais.

Estamos de luto desde janeiro, pois Romualdo Romanowski confunde-se com a própria questão da identidade psicanalítica: modelo de identificação, caráter, seriedade, base de gerações de psicanalistas, estrutura e função analítica permanente, dentre outros predicados. Tarefa impossível e infinita descrever a importância dele para a SPPA e para a psicanálise internacional.

Quando os olhos carregam-se de lágrimas, Rubem Braga nos ajuda a "nominar" o inominável: "E no meio dessa confusão alguém

partiu sem se despedir; foi triste. Se houvesse uma despedida talvez fosse mais triste, talvez tenha sido melhor assim, uma separação... Creio que será permitido guardar uma leve tristeza, e também uma lembrança boa; que não será proibido confessar que às vezes se tem saudades... (...) Esqueçamos as pequenas coisas mortificantes; o silêncio torna tudo menos penoso; lembremos apenas as coisas douradas e digamos apenas a pequena palavra: adeus. A pequena palavra que se alonga como um canto de cigarra perdido numa tarde de domingo".

Romualdo, membro efetivo, analista didata e ex-presidente da SPPA, deixa suas "recomendações" gravadas em todos nós. Imagino que, dentre as infinitas recomendações aos que exercem a psicanálise, ele diria: "sigam em frente com a fascinante utopia de Freud e de todos os pioneiros de tentar entender e ajudar o outro".

Nossa última troca de mensagens foi a respeito de borboletas. Agora faz sentido mais ainda: um ser vivo cheio de cores, símbolo de Eros e das metamorfoses, que bate asas e vive voando por aí. Adeus, meu caro!

Atendimento em Psicanálise

CAP segue com atendimentos durante a pandemia

O Centro de Atendimento Psicanalítico começou 2020 sob a coordenação do psicanalista Igor Alcantara que há anos acompanha as atividades do CAP. "Os ricos debates de material clínico na terceira terça-feira de cada mês, na companhia de uma equipe atenta e leve, ajudaram-me a desenvolver um maior sentimento de pertencimento à SPPA", lembra ele.

O ano iniciou-se com as restrições impostas pela pandemia, mas o ímpeto do grupo fez com que as reuniões on-line logo fossem adquirindo o clima dos encontros

presenciais: debates vivos, participações originais e sentimento de grupo.

Alcantara destaca que alguns psicanalistas participam do CAP há vários anos, mantendo pacientes em análise por todo este período, e levando adiante o objetivo de oferecer tratamento analítico de qualidade, com custos acessíveis. Outros, chegando mais recentemente, iniciam atendimentos que também atendem as exigências de supervisão do Instituto ou de trabalhos para Membro Associado. "Todos com igual entusiasmo, reunindo

objetivos pessoais, de um aprendizado consistente, com o desejo de contemplar a individualidade de seus analisandos", constata ele.

Os debates clínicos das terças-feiras são oportunidades de verificar a solidez e a qualidade da formação desenvolvida pela SPPA. O grupo do CAP contribui ainda estendendo o tratamento psicanalítico destinado a adultos, adolescentes e crianças que não dispõem dos recursos econômicos habituais para este tipo de atendimento.

Romualdo: um nome maior



Romualdo Romanowski com o amigo e colega Carlos Gari Faria, Psicanalista e Membro Efetivo e Didata da SPPA

Não haveria tempo bastante nesta hora, para tudo o que temos a dizer, em termos de um trabalho fecundo. Estamos falando de cuidados prestados em análise, em ensino, em supervisão para tantos e em amizade dedicada e distribuída para muitos, tanto os de longe quanto os daqui. Cabe a nós, portanto, retribuir isso e muito mais ainda, com nosso reconhecimento, gratidão e bem querer.

Com estes sentimentos, estamos simbolicamente, resumindo esta breve saudação em oito frases ou versos, partindo das oito Letras de um

NOME MAIOR

Com R de rima, de remo, de rumo e de Roma;
com O de olhar perto e ver longe, ouvir muito e pensar;
com M de mão que se estende e abraça caminhos;
com U de universo que vaga entre sonho e palavra;
com A de atenção que flutua na força da alma e com tato de apreço;
com L de luz que lampeja, ilumina e recria lembranças perdidas em cantos do tempo;
com D de doutor em sentir, perceber, conviver e viver;
com O de obrigado de todos, por muito e por tanto,
Se inscreve, se escreve e se chama: ROMUALDO

Muito obrigado, Romualdo

(Palavras proferidas em 23/05/2014 num jantar comemorativo aos oitenta anos do homenageado por Carlos Gari Faria.)

Saudades do Romualdo

À medida que nos afastamos daquele doloroso e inacreditável 29 de janeiro e vivemos este também inacreditável ano pandêmico, nossas ideias e sentimentos vão se modificando enquanto tentamos enfrentar os lutos, pessoais e coletivos, que 2020 nos trouxe.

Vai se instalando, cada vez mais, uma grande saudade do nosso querido professor, supervisor, analista, colega e amigo Romualdo Romanowski. Vários colegas têm escrito belos textos sobre o Romualdo e, desde março, o Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina possui o seu Instituto de Psicanálise Romualdo Romanowski, o qual deve iniciar a formação analítica naquele Estado em março de 2021.

Nesses meses, tenho ouvido e sentido, a partir de muitos relatos, a intensidade de sua dedicação, carinho, interesse genuíno e capacidade de empatia, além de uma escuta analítica que acolhia e, ao mesmo tempo, estimulava a enfrentar a dor psíquica e os desafios do mundo externo. Ou que conseguia captar, no curso de uma supervisão, os movimentos essenciais que revelavam as fantasias inconscientes e as tramas complexas das relações de objeto através de sua expressão no campo analítico. Ou que lia inúmeros textos de jovens colegas,

com olhar atento e implacável quanto aos erros de português, ajudando a transformá-los em trabalhos que seriam a porta de entrada para novas categorias na SPPA.

Contudo, também tenho me lembrado e revivido os incontáveis momentos e situações que compartilhamos em várias décadas: conversas, reuniões, telefonemas, trocas de mensagens, situações traumáticas, provocações futebolísticas, trocadilhos, sua generosa acolhida, seu estímulo, seu sorriso afetuoso, seu riso solto, as preocupações compartilhadas, algumas discordâncias que nunca davam lugar a ressentimento, um sentimento contínuo de estar na presença ou de saber que podia contar com um homem de grande vitalidade, inteligência, cultura analítica e humanística, capacidade de humor e de uma lealdade inquebrantável à psicanálise e suas instituições.

Entre 1998 e 2000, trabalhamos intensamente na Diretoria da FEPAL, da qual Romualdo, já com grande experiência na psicanálise de nossa região por ter ajudado a criar várias novas Sociedades, aceitou ser Diretor Científico. O resultado desse convívio em um grupo unido e divertido (Marlene Araújo, Mauro Gus, Sérgio Lewkowicz e Antonio Carlos Pires) foi o maravilhoso congresso de 2000, em Gramado, inclusivo e abrangente.



Claudio Eizirik, psicanalista e Membro Efetivo e Didata da SPPA com o amigo e colega Romualdo Romanowski

Em anos mais recentes, compartilhamos o delicado trabalho da Subcomissão de Docência do Instituto, assim como um grupo de chope e de conversas sobre temas psicanalíticos e gerais, em que Romualdo era o líder natural. Aliás, a sua liderança era muito típica dele: vinha do exemplo que dava, era inspiradora, suave, não autoritária, inteligente, bem-humorada, sempre baseada na experiência e no conhecimento, os quais induziam respeito e amor.

Romualdo tinha uma enorme capacidade amorosa, que ficava evidente quando se convivia com ele e com a sua querida esposa Tyllinha ou quando falava de seus filhos e netos, como sabem bem aqueles que se beneficiaram de sua convivência.

E, assim, vamos convivendo, lembrando e agradecendo, em nossos corações e mentes, o exemplo, a presença e o legado humano e psicanalítico do querido Romualdo Romanowski.

Um memorial para meu avô

Não sei ao certo se um memorial fala da vida ou da morte, mas desconfio de que se trata de algo de outra ordem, talvez um impulso que teima em fazer sobreviver aquilo que não temos mais presente. A memória de meu avô repousa nessa brecha de tempo sensível em que lançamos luz sobre seus feitos e afetos, que sempre andaram de mãos dadas e hoje nos convidam a fazer ciranda.

Pouco mais de quatro meses separam o dia em que escrevo essas palavras da última vez em que o vi, mas desde então tenho tido a oportunidade de reencontrá-lo em uma porção de coisas. São roupas, livros e um sem-fim de objetos, mas também o cheiro nas roupas, as anotações nos cantos das páginas, nossas fotos de criança na carteira, as 127 cartas de amor trocadas com minha vó, essas coisas-testemunhos que fazem lembrar não só da vida que existiu, mas também do futuro que não houve e que agora é outro. Na memória de uma antiga câmera filmadora, encontrei alguns registros esquecidos por anos sem que ninguém os tivesse visto. Meu avô era quem filmava e só vez que outra sabemos dele

pela voz grave ao fundo. Há um trecho em particular em que quem assiste é surpreendido pela entrada repentina dele na cena, pulando e fazendo caretas, como se estivesse interferindo pelo puro prazer de mostrar-se presente. Escuta-se a voz de um dos meus primos junto à filmadora, reagindo à invasão: "sai, vô!".

A aparição de meu avô na cena representa mais que um efeito surpresa. Pelo contrário, ela revela uma configuração bastante familiar. Antes mesmo de assistir à filmagem, há essa assunção de ser ele a nos olhar. Foi por isso que tantas vezes entramos despreocupados no mar, que crescemos banhados de afeto, que nos foram dadas as condições ao sonho e ao desejo. Não sabíamos à época, mas, ao nos ensinar o amor, ele também nos ensinava que seria possível suportar a cabeceira da mesa vazia. A preexistência do olhar cuidadoso de meu avô, pelo qual fomos olhados e em que hoje nos reconhecemos, permite que agora digamos "sai, vô" para construirmos os próprios registros, sabendo que ele continuará presente, ainda que não se mostre.



Romualdo Romanowski com a neta, a psicóloga Laura Romanowski Wainer

Assim, poderemos fazer frente à morte: um tanto desamparados, mas certos de que somos portadores de uma herança imaterial e singular que ele não economizou ao partilhar em vida com cada um de nós. Por isso, esse memorial não passa da continuação em aberto de um testemunho de vida, vida vivida, que seguirá pulsando em todos nós que nos deixamos afetar pelo carinho, pela dedicação e pela maestria de meu avô. Que sorte a minha em ter sido neta dele, e que imenso o nosso privilégio de poder (querer!) manter viva a ciranda da sua existência.

Desafios e conquistas na edição da Revista em meio à pandemia

"Esse ano tem sido um grande desafio para a manutenção dos processos subjetivos e objetivos de nossas vidas pessoais e profissionais e, como não poderia ser diferente, a Comissão Editorial da Revista deparou-se com as mesmas exigências de adaptação em seu processo editorial", constata o editor-chefe da Revista de Psicanálise da SPPA, Renato Lucas.

Para ele, amor pelo trabalho, "assim como o suporte de um grupo maduro e acolhedor às diferenças e às ideias, permitiu que renovássemos a disposição para apresentar ao leitor os números temáticos *Neurose e D.W. Winnicott*, buscando manter a reconhecida qualidade científica da Revista". O retorno dos psicanalistas, público-alvo da Revista, e o elevado número de vendas e de novas assinaturas parecem atestar a qualidade do trabalho desenvolvido ao longo dos anos.

Cumprindo mudanças decorrentes de fluxos

administrativo-financeiros pela situação de isolamento social, a edição da Revista foi adiada para outubro com a remessa dos dois números impressos, tendo tido a completa compreensão dos assinantes. Felizmente, a disponibilidade *on-line* integral do conteúdo e de toda a coleção da Revista, que paulatinamente está sendo proporcionada ao assinante, amenizou a situação. No momento, está em preparação o terceiro número do ano, Ética, e, ainda dentro desta realidade, com a disposição de oferecer o acesso *on-line* tão logo o processo editorial de cada artigo esteja concluído.

"Estamos também muito confiantes em poder ofertar ao leitor, em 2021, a trilogia temática *O novo mal-estar na civilização*, na qual uma série de reflexões sobre este mal-estar epidêmico e sobre a crise da civilização contemporânea, que transcende o impacto da

COVID-19, deverá ser apresentada", antecipa o editor. Segundo ele, as manifestações *intra e inter psíquicas* serão abordadas no primeiro número, *Disrupções*. Em seguida, o número 2 conterá estudos acerca do impacto deste contexto na técnica psicanalítica a partir da necessidade de estabelecer novas *fronteiras e interfaces* da psicanálise. A trilogia será completada pelo número *Elaborações*, que oferecerá textos sobre aspectos ligados à necessidade e à importância de pensar-se os limites e buscar-se recursos para os *encaminhamentos psíquicos e para as transformações possíveis* advindas de tais vivências. "Com esta temática, esperamos ir ao encontro dos colegas, com produções que espelhem este momento civilizatório e suas repercussões, bem como atendermos ao objetivo de ser uma plataforma sempre disposta a receber seus desenvolvimentos científicos", conclui Lucas.



Mauro Gus
Psicanalista.
Membro Efetivo e Didata da SPPA

IDENTIDADE PSICANALÍTICA:

Em um encontro realizado em outubro, via on-line, pelo Jornal da SPPA discutiu-se a Identidade Psicanalítica reunindo a equipe editorial, o presidente, José Carlos Calich, e a diretora de Publicações, Lúcia Thaler. Para discutir o assunto, três gerações contaram sua experiência de ingresso, formação e caminhada na psicanálise. Mauro Gus, psiquiatra, psicanalista, membro efetivo jubilado e analista didata foi o primeiro. Em seguida, Tula Bisol Brum, psiquiatra, psicanalista, membro associada e analista de crianças e adolescentes contou sua história. O fecho ficou por conta da psiquiatra

A passagem do tempo e a identidade psicanalítica

Falar em “Identidade do Psicanalista” me fez pensar o quanto eu gostaria de dizer após tantos anos em atividade – e sigo – como psicanalista clínico e docente, hoje Jubilado, mas ainda ativo e com minhas capacidades em bom estado e, muito especialmente, vivo e dando graças por estar aqui nesses tempos tão graves... tempos de perdas e imprevisibilidades, dores e temores. Sinto-me honrado e comovido por estar entre vocês!

Para sermos psicanalistas, precisamos ser autenticamente gratos: aos nossos pioneiros, aos nossos analistas, aos nossos pacientes, ao grupo ao qual pertencemos, à nossa SPPA/FEBRAPS/FEPAI e IPA (pelo pertencimento). Gratos também por conservarmos bons objetos internalizados – nossos pais –, que puderam nos proporcionar identificações suficientemente boas para ajudar e sermos solidários com a dor do Outro, capacitando-nos a empatizar.

Para alcançarmos a Identidade psicanalítica, precisamos ser neuróticos. A Identidade percorre muitos caminhos: parte da análise pessoal e passa por nossos modelos, pelo tempo, pelas leituras e pelos conhecimentos gerais, literatura, poesia, arte no amplo senso. Além disso, é necessário conviver com nossas famílias, alcançarmos um lazer gratificante, ter muita paciência e sermos capazes de postergar, renunciando ao imediato, às necessidades orais de buscar

melhoras rápidas em um processo psicanalítico, sem contar a importância de saber fazer silêncios – no plural –, pois os silêncios são múltiplos. Vejam só o quanto precisamos alcançar.

O desenvolvimento das capacidades perceptivas precisa ser privilegiado pela Técnica; usarmos da intuição com limites. Precisamos entender que nossa Identidade só cresce à medida que os preconceitos com o novo não são evitados. Aprendemos com as diferenças; a nossa percepção torna-se abrangente; conhecemos o diferente e admiramos novas teorias, tolerando o não saber, qualidade imprescindível e inevitável para a nossa identificação como psicanalistas.

Sentirmo-nos solidários e trabalharmos com a dor psíquica - nossa e dos pacientes -, entendermos e termos vivido a neurose e a restauração dos bons objetos internalizados – PD –, capacita-nos a perceber o Outro, bem como nos auxilia a desenvolver a humildade possível para não sofrermos abalos em nosso amor próprio e na auto-estima quando expostos aos ataques à função analítica.

Introduzo o narcisismo e a capacidade de identificarmos no Outro as danosas consequências dessas estruturas psíquicas, as quais, quando não suficientemente analisadas, tratadas e elaboradas, acarretam pontos cegos e/ou baluartes, impedindo percepções e bloqueando o “ser um analista suficientemente bom e identificado com a função analítica de nossa personalidade”.

Ser verdadeiramente grato, e, para isso, é preciso termos alcançado a integração de um

narcisismo capacitado em nós mesmos a fim de desenvolvermos habilidades para ajudarmos e sermos solidários ao sentirmos a dor do Outro. Suportar a dor psíquica do Outro, tolerar o não saber e conviver com as diferenças, ampliando conhecimentos através das teorias, sem preconceitos; saber ouvir, capacitando-nos a sínteses pessoais criativas e não imitativas, com as quais nos sentimos mais confortáveis. Somente assim poderemos ser suficientemente bons analistas.

É preciso sublinhar a verdade e a sinceridade, antídotos ao uso do poder insalubre, cujas ramificações tóxicas poderão impedir a convivência em ambientes societários, além de permitir a soma/construção de natureza colaborativa e integradora com os colegas. Ainda sobre a identidade do psicanalista, destaco a convivência com as diversas manifestações artísticas, o contato com literatura diversificada, ampliando o espectro dos conhecimentos através do contato com outras ciências, e a inter-relação da psicanálise com outras disciplinas, eis que é extremamente importante para melhor completarmos a formação humanística.

Por isso a riqueza de estarmos em várias idades e tempos de formação diferentes, unidos pelo eixo fundamental do uso da verdade, o que não significa sermos “donos da verdade”: não estou falando de poder, diferente de ser autêntico, sincero, e sabermos que são saberes implícitos. Refiro-me à nossa linguagem, que deverá ser democrática e transgressora, uma fala não impositiva e nem sequer incisiva, mas firme e delicada.



Tula Bisol Brum
Psicanalista.
Membro Associado da SPPA

BATE-PAPO ENTRE GERAÇÕES

Candice Pasqualin de Campos, membro aspirante, egresso.

O editor do Jornal, Paulo Berél Sukiennik, abriu a conversa, lembrando questões que são alicerce da identidade psicanalítica, como a personalidade e a identidade do psicanalista, além de destacar a importância da ética na relação do analista com seu analisando.

Após os depoimentos, cujos resumos estão nas páginas a seguir, se desenvolveu-se um produtivo bate-papo disponibilizado nos canais de divulgação da SPPA.

Meu encontro com a psicanálise

Meu depoimento contempla três vertentes: a pessoal, como eu imagino que iniciou e se desenvolve minha identidade psicanalítica, um processo de mutualidade complexo sempre em evolução. Outra seria a experiência institucional fundamental para consolidar os alicerces desta construção. A terceira vertente considera a influência da atual pluralidade teórico-clínica na formação psicanalítica.

Muitas vezes perguntei-me a respeito do motivo pelo qual quis ser médica. A razão certa não sei, mas me encantam os mistérios da vida, feita de encontros e desencontros com o outro desde que nascemos. Assim tecemos quem somos. Existimos através destas relações.

Pensando no início, minha existência foi marcada pela presença forte da música, através da minha mãe, e dos livros, por meio do meu pai. Além disso, cedo fui apresentada à Freud, primeira referência quando falamos em identidade psicanalítica. Por ser juiz, meu pai às vezes se reportava à Freud para compreender a personalidade dos réus. Na época, eu não imaginava como isto poderia construir algo dentro de mim.

As identificações se constroem através das inscrições psíquicas inconscientes que caracterizam os vínculos do eu com o outro. Este vasto campo relacional inscreve-se no nosso mundo externo e interno e no exercício da psicanálise,

na transferência e contratransferência.

Hoje penso que talvez lá na infância tenha se iniciado meu interesse por narrativas, a não verbal da música e a verbal das palavras. Tais interesses podem ter me levado às narrativas da psicanálise.

Neste processo entraram com força total minha análise pessoal, supervisores e professores, através do convívio com os psicanalistas que exerceram tais funções e também com os mestres da psicanálise nos estudos e encontros científicos.

Durante da formação, as vivências são intensas e idealizadas. Com o passar do tempo, tornam-se mais humanizadas. Manter a valorização na desidealização é um pilar importante nesta construção. Precisamos processar nosso desejo de ser como as pessoas com as quais nos construímos para posteriormente sermos nós mesmos.

Acredito que o amor à verdade é a chave mestra para o funcionamento deste modelo de identificação.

Por meio desta tessitura, evoluímos, enquanto uns fios se entrelaçam e outros se rompem. Os rompimentos são necessários para processar o luto pela perda da onipotência, pelas idealizações e pela descoberta de que não existe uma única verdade em qualquer área do conhecimento ou em nível pessoal. Considero a capacidade de conviver com a inquietude da incerteza e do não saber outro pilar importante da identidade psicanalítica.

Acredito que uma instituição precisa se manter coerente na transmissão de seus valores e preceitos teóricos clínicos, os quais, com

o tempo, também evoluem e se modificam. No entanto, isto não significa trocar o velho pelo novo, mas inserir o novo dentro do velho, mantendo viva a bagagem sólida que herdamos e que está sempre em transformação. É necessário ter plasticidade para acolher e contemplar as diferenças nas suas formas criativas e construtivas.

Temos várias teorias para pensar a mente humana, as quais constantemente evoluem e ampliam nossas ferramentas. Todas concentradas na busca da verdade, da essência de cada um, do objeto estético que caracteriza a psicanálise. Esta pluralidade teórico-clínica manifesta-se na construção da identidade psicanalítica e acaba por nos influenciar de forma singular.

Identifico-me com os ensinamentos de Meltzer e Bion, que enfatizam os perigos de tentar explicar os mistérios da mente e preconizam adotar a difícil postura sem memória, sem desejo e sem compreensão que permite ao analista concentrar-se apenas na experiência emocional, sonhar o sonho do paciente ao invés de traduzi-lo, apresentar o paciente a si mesmo, expandir sua mente ao simbolizar a experiência vivida.

Vale destacar a importância da bagagem teórica e a necessidade de mantê-la em suspense quando sonhamos o sonho do paciente.

Vejo a psicanálise como uma forma de arte com um objetivo científico e humanitário, independente do país, da cultura e da escola. Como na arte, oferecemos um continente para os aspectos intoleráveis da mente.



Candice Pasqualin de Campos
Membro Aspirante da SPPA

Identidade psicanalítica

Uma identidade analítica em construção

Ao pensar sobre identidade analítica enquanto vivo o encantamento de ler Grande Sertão: veredas, deparo-me com um trecho que me provoca profundo impacto. Fala de muitos aspectos de como entendo a relação analítica.

Riobaldo diz a seu interlocutor:

*" (...) Eu sei que isso que estou dizendo é difícil, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. Inveja é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe! Sendo isso. Ao doido, doideras digo. Mas o senhor é sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda." (p.77)**

Trabalhamos com a matéria vertente: ouvimos, pensamos, repensamos, redizemos e então ajudamos. Ajudamos o paciente que está pertinho do que é dele, por direito, mas ele não sabe. Tentamos nos aproximar da verdade com ética, sendo sensatos e fiéis. Entre o ouvir, o pensar, o repensar e o redizer há uma série de complexos processos no campo analítico.

Usamos a nossa instrução e a nossa mente como ferramentas para esse trabalho.

Penso que, ao tentar falar da identidade, acabo falando de relação analítica. Talvez sejam indissociáveis. Durante a pandemia, nas primeiras semanas, a minha identidade analítica foi uma tábua de salvação. Manter-me pensando, ou ao menos tentando, me dava um norte. Procurar ficar centrada e equilibrada pelos meus pacientes lembrou-me daquelas noites em que, apesar do cansaço ou do desespero, mantive-me firme pelo meu bebê. Eu sabia que eles precisavam de mim, da minha estabilidade, e eu também os necessitava. Muito mudou, mas, no fim, ainda éramos nós dois, com a confiança, o vínculo e o campo. Algo se manteve intocado, apesar de todas as mudanças externas. Algo frágil pelo seu potencial de transformação e de ruptura, mas forte pelo laço e pelo desejo bilateral de contato. Era necessário manter a função de reflexão, apesar do *setting* protetor estar ruindo. Naquele momento, além de guardião do *setting*, eu era o *setting*. Um *setting* interino, de exceção, enquanto um novo estava sendo construído. A sensação de confortável intimidade, de alguma estabilidade em um mundo tão mutante me aliviou. Provavelmente nos aliviou.

Uma vez que eu estava insegura com o atendimento de um paciente, que sentia estar indo bem, apesar de mim, o meu analista lembrou-me que não existe um bebê sem uma mãe. Que alívio, ele trouxe de volta a analista em mim. O paciente não estava indo bem sozi-

nho. Não existe um paciente sozinho, assim como não existe um analista sozinho. Não há identidade sem relação. Para que eu seja analista, meus pacientes precisam ser pacientes, além de melhores colegas. Agradeço a eles pela paciência e pela fé, em mim e no processo.

Também não existe um analista sem outros analistas. Creio que, assim como no antigo ditado africano que diz ser preciso uma aldeia para criar uma criança, também é preciso uma aldeia para criar um psicanalista. A sensação de pertencimento à instituição, os laços afetivos criados e os modelos de identificação oferecidos por nossos professores e supervisores são centrais nessa construção.

É curioso pensar na formação da identidade analítica. A sensação de ainda não estar pronta, madura o suficiente, vai sendo trabalhada e transformada. Quando é que eu vou me sentir realmente psicanalista? Há um marco oficial do Instituto: quando eu apresentar o meu trabalho de membro associado. Será que a correlação de um ritual de passagem com o sentimento de ser é forte? Muitos excelentes psicanalistas ainda não passaram por esse ritual; se não é esse marco que define, então, o que é? Não tenho as respostas, mas tenho a certeza de que vou seguir, na companhia de pacientes, colegas e professores, me formando e transformando por um longo caminho vida afora.

** Guimarães Rosa, J. Grande Sertão: veredas. 22 ed. São Paulo. Companhia das Letras. 2019.*

Grupos de Estudos

IX ENCONTRO DE GRUPOS DE ESTUDOS PARCEIROS DA SPPA

Em 14 de novembro, realizou-se mais um encontro com os grupos de estudos parceiros da SPPA, neste ano, por meio da plataforma Zoom. Na atividade, o psicanalista Juarez Guedes Cruz apresentou um conto surpresa: *Casa Tomada*, do escritor argentino Júlio Cortázar, debatido em pequenos grupos e logo discutido com a

participação de todos. "A proposta de integrar os participantes dos grupos parceiros com os membros da SPPA foi cumprida com muito entusiasmo em um intenso debate em que literatura e psicanálise se entrelaçaram de forma rica e profunda", constata a Diretora Administrativa da Sociedade, Maria Cristina Vasconcellos. Por

meio desta atividade, construída em conjunto com os representantes dos grupos parceiros, consolidou-se o trabalho realizado ao longo do ano nos encontros de cada grupo para o estudo da Psicanálise. "Nosso agradecimento a todos aqueles que ajudaram para o sucesso desta parceria", finaliza a diretora.

Um ano para nos tornarmos transumanos...

O tema que constituiu nossa abertura do ano científico acabou se tornando profético, bem a propósito do título: “As Metamorfoses – da mitologia aos transumanos”. Transumanos – humanos modificados tecnologicamente – já vínhamos nos tornando, demasiado rapidamente para muitos, gerando um “stress informacional”, mas muito menos do que poderíamos imaginar que seria neste ano pandêmico. Foi a primeira e também a última atividade presencial na nossa sede em 2020.

Alguns meses, mas parece que foi em outra década... tantas metamorfoses, colegas passando a trabalhar via internet que nunca imaginaram que fariam isto. Já outros que estavam com dificuldades para vir à sede voltando a participar das atividades científicas por poder fazê-lo de casa.

Começamos o ano perdendo nosso querido Romualdo e terminamos homenageando-o em um webinar que reuniu analistas dos quais ele conquistou a admiração e o afeto pelo Brasil e com a participação de colegas de outros países da América Latina.

Metamorfoseamo-nos rapidamente – não sem bastante stress – e aprendemos a utilizar as ferramentas existentes ou mesmo ainda sendo desenvolvidas devido à demanda súbita. A expectativa de que pudéssemos retornar presencialmente em 2 a 3 meses era revisada a cada semana, passando por fim para 2 a 3 semestres, e ainda com incerteza.

O grupo da diretoria científica, integrado com a diretoria da SPPA, e com a colaboração inestimável de nossos funcionários, mais diretamente Maricê Cramer e Greison Jacobi, refez toda a programação científica no novo modelo via web e já em abril foi anunciada a

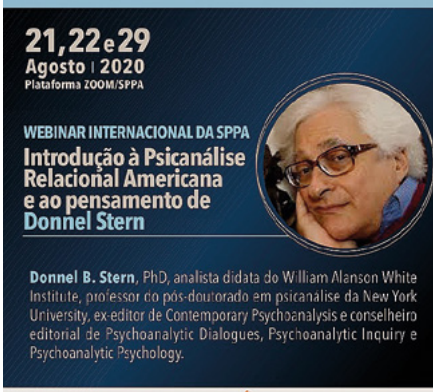
retomada das nossas quintas científicas, com Carlos Gari Faria apresentando em meados de maio o trabalho “Momentos do ‘des-existir’ e espaços vazios de des-existência”, com excelente participação dos nossos membros de todas as fases da formação. Nossa força vital tornou nossa des-existência muito breve.

A proposta inicial desta gestão de ampliar a programação científica, incluindo atividades aos sábados pela manhã, para que pudéssemos ter mais tempo para a participação de todos os que desejassem na discussão, e incluindo também temáticas transdisciplinares e de pesquisa, pôde finalmente ser iniciada em junho. No primeiro webinar de sábado a colega Ana Cássia Fruett apresentou e discutiu a partir de Fortaleza sua tese de doutorado. Realizada sob a orientação de David Maldavsky, utilizou o algoritmo David Lieberman para a análise literária, aplicando ao livro “O Paradoxo de Tchekov”, organizado por Juarez Guedes Cruz e reunindo criações de diversos colegas da SPPA. Encerramos o primeiro semestre com ainda um outro webinar de sábado intitulado “Estes Loucos Anos 20 – luto e criatividade”, comemorativo aos 100 anos do “Além do princípio do Prazer”, com elogiadas apresentações de Zelig Liberman e Paulo Favalli.

Várias outras quintas científicas se seguiriam, com Raul Hartke, Viviane Mondrzak, Juarez Cruz e grupo, Flávio Rotta e grupo, Sérgio Lewkowicz, Ruggero Levi, sob temas diversos e todas com ótimas participações de nossos membros e de colegas inclusive de outros estados.

No final de agosto realizamos nosso primeiro webinar internacional: “Introdução à Psicanálise Relacional Americana e ao Pensamento de Donnel Stern”, com cinco atividades em dois finais de semana consecutivos, três conferências abertas com discussão e duas supervisões restritas com casos apresentados por membros da SPPA, todas com tradução simultânea, com o principal repre-

sentante desta corrente psicanalítica. Foi alcançando boa participação, inclusive com analistas de outros estados, tudo dentro da proposta de apresentar, discutir e integrar o mais possível a diversidade do pensamento psicanalítico contemporâneo.



21, 22 e 29
Agosto | 2020
Plataforma ZOOM/SPPA

WEBINAR INTERNACIONAL DA SPPA
Introdução à Psicanálise Relacional Americana e ao pensamento de Donnel Stern

Donnel B. Stern, PhD, analista didata do William Alanson White Institute, professor do pós-doutorado em psicanálise da New York University, ex editor de Contemporary Psychoanalysis e conselheiro editorial de Psychoanalytic Dialogues, Psychoanalytic Inquiry e Psychoanalytic Psychology.

INSTITUTO PSICANALÍTICO
DO BRASIL

Ainda dentro deste espírito integrador, também com instituições parceiras e com áreas do conhecimento afins, foi realizada em setembro a atividade conjunta com o CEAPIA dentro do campo da linguística “Linguagem Figurada com Pé e Cabeça: compreensão no desenvolvimento”, com a psicóloga, professora e pesquisadora do pós-graduação em letras da UFRGS Maity Siqueira, PhD. Foram debatedoras Flávia Maltz e Cátia Dall’Agno.

A homenagem a Romualdo Romanowski representa uma conclusão deste ano tão difícil com a oportunidade de expressarmos nosso carinho por ele e também de reafirmarmos valores tão caros à psicanálise quanto a gratidão e a busca de integração. Sabemos que períodos como o que estamos passando são particularmente propícios para regressão a lógicas primitivas, baseadas na cisão, contra as quais ele tanto lutou.

Maurício Marx e Silva
Psicanalista. Membro Efetivo em Função
Didática da SPPA. Diretor Científico.

A observação de bebês: vida que pulsa e transforma

O ano de 2020 iniciou com o planejamento do Simpósio Anual da Diretoria da Infância e Adolescência (DIA), atividade com uma história de 22 anos na SPPA. Mas, dois meses depois, a pandemia impediu o grupo de seguir o projeto. Após o impacto inicial, prevaleceu o desejo de realizar o evento, preservando a tradição e buscando manter viva a capacidade de pensar e trocar nesse momento tão difícil. A Diretoria foi desafiada a renovar data e formato, trazendo-o para a modalidade on-line. A psicanalista e presidente da Associação Internacional para o Desenvolvimento da Observação de Bebês método Esther Bick (AIDOB), Rosella Sandri, quando convidada, abraçou prontamente a ideia. A presença da autora do livro *Le bébé et son berceau culturel*, mobilizou um público significativo em suas conferências revelando o interesse pelo tema.

Além das conferências “A utilização da observação de bebês na formação analítica e análise de pacientes adultos” e “A experiência da Observação de Bebês nas diferentes culturas”, a mesa redonda “Do bebê ao idoso: tudo começa e termina em casa” e a roda de conversa “A infância violada” completaram a programação.

Com o Simpósio, surgiram diversas reflexões sobre o valor do desenvolvimento da capacidade de observação como treinamento à clínica psicanalítica. A observação de bebês coloca o observador em contato com a intimidade da relação da mãe com o bebê, proporcionando tanto uma visão binocular - para dentro (auto-observação em relação aos sentimentos e fantasias despertadas pelo impacto emocional vivido

durante a observação) e para fora (ambiente do bebê) - quanto caleidoscópica - ao mesmo tempo micro e macroscópica -, incrementando as diferentes facetas dessa interação inicial e da formação e desenvolvimento do psiquismo incipiente.

A vivência para o observador é transformadora, permitindo entrar em contato com o desamparo e a singularidade de cada dupla e ambiente, o que promove a capacidade de imaginar, de se surpreender frente ao novo e desconhecido. O olhar é dirigido para a cena que se desenrola com o bebê no seu contexto, mas também para dentro do próprio observador, acessando seus sentimentos, fantasias e aspectos primitivos. Os psicanalistas, podem desenvolver e refinar a capacidade intuitiva e a sensibilidade em relação aos aspectos não verbais e para-verbais, assim como a capacidade negativa e de continência.

Viver a observação da dupla mãe-bebê e relatá-la, para depois compartilhar no grupo (as três etapas que constituem o conjunto da experiência), proporciona uma profunda troca e reflexão, transformando a vivência grupal em um verdadeiro estúdio da contratransferência, o que favorece o processamento, filtragem e transformação da experiência emocional em algo pensável. Conforme Rosella, há um trabalho de descolonização de si mesmo para receber o outro, desenvolvendo uma atitude de respeito à cultura, às diferenças, aos ritmos, ao dar tempo ao tempo e estar junto, atitudes essenciais para um analista no seu trabalho clínico.

Rosella cunhou a expressão “a cor das emoções” referindo-se ao fascínio do desejo de cada um de assistir ao mistério da transformação e



Rosella Sandri, presidente da AIDOB, foi a convidada

desenvolvimento - passar do visível ao não visível - do mundo psíquico interno. Comparou o trabalho do observador ao de um pintor, em virtude da sua capacidade de se emocionar. *Exmovere* traduz a posição do observador de se mover de um lugar psíquico - de uma emoção à outra - e fazer disso uma primeira pintura em sua narrativa escrita. Também comparou a posição do observador/analista com o olhar do poeta: o primeiro capta o comum do cotidiano de tal forma que encontra o que não está ali, o invisível, saindo do automático, semelhante ao poeta que, ao promover o desvio poético, encontra no cotidiano o inusitado. “O analista não precisa ter medo da poesia, ela faz parte do seu trabalho”, afirmou Rosella.

Ao comentar sobre as transformações psíquicas trazidas pela observação, ela concebeu o “quarto tempo” da experiência, referindo-se a tudo aquilo que a experiência da observação nos concede e deixa em nós, algo que ocorre a posteriori, como no processo analítico. O trabalho de Rosella com a observação de bebês, deixou registrada a força dos vínculos, da vida que pulsa e transforma pessoas.

Psicanálise de Família e Casal

Homenagem a Janine Puget

O Comitê de Psicanálise de Família e Casal da SPPA registra com pesar a perda de Janine Puget, que fez uma contribuição inovadora junto ao seu colega e amigo Isidoro Berenstein, com o desenvolvimento da Teoria Vincular.

Ela foi agraciada em 2012 com o *Sigourney Award*, prêmio outorgado para psicanalistas e/ou instituições no campo da psicanálise, cujas contribuições tenham sido reconhecidamente relevantes.

O público teve o privilégio de acompanhar sua recente

participação no Congresso da Fepal, quando denotou sua lucidez nos seus argutos e instigantes comentários. Janine enfatizou o objetivo de aceitar o diferente, buscando harmonizar e tolerando viver em desequilíbrio. Ressaltou a necessidade de aceitar um fenômeno novo que ainda não seja conhecido, seguindo com dúvidas e questionamentos todo o tempo.

Fica o sentimento de gratidão pela vida e pelos escritos de Janine, que seguirão inspirando os psicanalistas.



Psicanálise nos territórios: aberturas e fechamentos

Este é o título do painel que o grupo de psicanalistas na comunidade da SPPA participou no 33º Congresso Virtual da Fepal, onde apresentou o trabalho "Psicanalistas nas fronteiras da desigualdade", descrevendo a experiência na pandemia provocada pela Covid-19, impedindo a manutenção das atividades presenciais das parcerias com a SMED e o Projeto Pescar.

Com a exigência de isolamento, as Rodas de Conversa (RC) passaram a ser on-line. Na parceria Pescar/SPPA, ampliou-se o trabalho realizando RC com os educadores sociais do Projeto dos diversos Estados do Brasil auxiliando os educadores, os adolescentes e suas famílias. As RC intituladas "Pensar e Pescar: cuidando de quem cuida" aconteceram nos dois semestres de 2020. Através de uma escuta analítica, buscou-se a criação de um espaço potencial para o acolhimento dos educadores, dando suporte às intensas experiências de angústia vivenciadas com os jovens do Pescar, decorrentes

do desamparo e da vulnerabilidade social.

Por meio de uma escuta ativa, realizou-se o atendimento voluntário on-line de adolescentes e educadores sociais do Projeto Pescar de lugares diferentes do Brasil.

Em virtude da suspensão dos contratos com as escolas conveniadas pela Prefeitura de Porto Alegre, a parceria SMED/SPPA vinculou-se ao Fórum Municipal de Cuidados da Criança e do Adolescente, congregando mais de 300 instituições que trabalham com essa população.

Através de RC com a coordenação do Fórum, estabeleceu-se contato com instituições, que puderam contar com um espaço para compartilhar a experiência da pandemia e do isolamento social responsável por provocar tantas mudanças no cotidiano dos psicanalistas, dos educadores, das crianças, dos adolescentes e de suas famílias.

Foram realizados dois webinars, Escolas de Educação Infantil durante e depois da Pandemia: alternativas possíveis e Fique em

casa: diálogos sobre a desigualdade social na Adolescência, com a participação de educadores e psicanalistas.

Como iniciativa conjunta entre as duas parcerias, organizou-se o I Simpósio Integrado entre a SPPA e a SBPdePA, em 11 e 12 de novembro com o tema "A Educação e a Psicanálise cara a cara com o Racismo Estrutural".

Como preparação para o Simpósio, realizou-se na SPPA um ciclo de debates com quatro webinars sobre o mesmo tema nos diferentes níveis de ensino: educação infantil, ensino fundamental, médio e universitário. Para esses encontros, foram convidados professores, estudantes e psicanalistas.

Durante o período de pandemia, realizando RC on-line, o grupo testemunhou anseios, lutas e resistências de indivíduos que, apesar da sua situação de real vulnerabilidade social e desamparo, criam narrativas criativas que impactam e transformam pela força e vitalidade.

Eleições, encontros e aprendizado no mundo virtual

"O difícil ano que seguimos atravessando afastou-nos em termos geográficos. Com concretude imagética, fomos transformados bruscamente em avatares de plataformas on-line. Mesmo assim, a Associação de Candidatos, com o apoio de toda a SPPA, manteve-se o mais ativa possível", constata o presidente eleito da AC, Rafael Mondrzak, refletindo a opinião da diretoria.

Segundo ele "as readequações digitais foram essenciais para mantermos a mente vinculada aos colegas, aos professores e às atividades científicas responsáveis

por auxiliar no desenvolvimento de nossa identidade psicanalítica".

Em julho, na Assembleia da Associação de Candidatos da SPPA, a então presidente, psicanalista Aline Wageck, apresentou o relatório da gestão 2019/2020 tendo a aprovação da prestação de contas da gestão que se encerrava. Além de destacar as principais atividades desenvolvidas ela organizou a eleição da nova diretoria da AC para 2020/2021, eleita por unanimidade: Rafael Mondrzak (presidente), Júlia Frozi (Secretária), Stefania Teche (Tesoureira) e Rafael Karam (representante dos egressos).

No âmbito nacional, em março se deu a posse da Aline Wageck, como presidente da Associação Brasileira de Candidatos. O tradicional encontro Regional Sul entre candidatos, viabilizado pela ABC, foi realizado de forma virtual, em agosto, intitulado "Cicatrizes do nosso tempo". Para março de 2021 já está programado o Simpósio Interno Integrado AC/IP-SPPA.

O atual presidente, Rafael Mondrzak deseja "boas-vindas aos novos colegas do primeiro ano que integraram nosso grupo em março de 2020 e já estão concluindo o primeiro ano de seminários".

Superando as expectativas no mundo on-line

Ao longo de 2020, a Diretoria de Divulgação e Ações junto à Comunidade manteve-se ativa, promovendo eventos para tornar o nome da SPPA mais conhecido, e realizando ações sociais para auxiliar a população nesta pandemia.

Quando uma Diretoria assume, uma série de projetos, dúvidas e desejos habita a mente dos novos diretores, pois se trata de uma grande responsabilidade manter a SPPA saudável e pujante. No entanto, como atingir as metas em meio a este cenário devastador de medos e incertezas pela pandemia? Como realizar as atividades e as reuniões? A SPPA estaria suficientemente preparada para dar conta do desafio?

Após um período de choque, possivelmente análogo ao que todos sentiram, a Diretoria venceu a sensação de atordoamento. Aos poucos, a poeira baixou e uma nova realidade foi sendo vislumbrada no horizonte: o mundo das atividades on-line. Estaríamos longe, mas, ao mesmo tempo, perto uns dos outros. Observou-se que não apenas as atividades seriam possíveis, mas que poderiam contar com uma maior participação de público do que no modelo presencial.

Tentando auxiliar a população neste momento de pandemia, a SPPA vem promovendo as chamadas ações solidárias, distribuídas em dois grandes eixos: os *Atendimentos Solidários em Saúde Mental*, direcionados à população em geral, e as *Ações Solidárias*, voltadas ao trabalho

com educadores (detalhadas em matéria específica nesta edição). O Atendimento Solidário, uma ação inédita da SPPA em parceria com outras 14 instituições gaúchas tem sido uma experiência muito rica e confortável. Consiste basicamente de conversas qualificadas, realizadas por um psicanalista, psicólogo ou psiquiatra que visa dar um espaço de escuta às angústias relacionadas ao modo como as pessoas estão enfrentando estes novos desafios relacionados à pandemia.

Os *Cafés Literários* continuam ocorrendo nas segundas terças-feiras do mês, desde junho, com uma média de 110 participantes do Brasil e do exterior. Foram cinco encontros, todos disponíveis no canal da SPPA no Youtube, os quais conseguiram fazer uma ótima integração entre a literatura e a psicanálise.

Os *Ciclos On-line de Estudos sobre Teoria Psicanalítica*, realizados em setembro e outubro, apresentaram assuntos de grande importância, "O desenvolvimento emocional primitivo" e "Rene Roussillon e os sofrimentos narcísico-identitários", que geraram um significativo interesse, particularmente de psicanalistas nacionais e internacionais. As avaliações dos dois eventos foram unânimes em elogiar a qualidade do material apresentado e o preparo teórico e clínico dos coordenadores, fortalecendo a imagem positiva da SPPA.

Para aproximar-se das universidades, a SPPA, por meio da parceria com a Liga de Psiquiatria e Saúde Mental da UFCSPA e da UFRGS e com o Centro de Estudos Luís Guedes, promoveu a atividade "Conversas Psicanalíticas: o prazer em tempos de pandemia". Considerando-se que a pandemia modificou a realidade de todos e que sofremos também o impacto do isolamento social em nossas formas de viver, a questão do prazer foi abordada de forma singela e direta em um evento, com mais de 160 participantes. A atividade ocorreu em clima descontraído e contou com rica interação do público, tendo como convidada a psicanalista Viviane Mondzrak. Esta *Conversa Psicanalítica* também pode ser encon-



Café Literário: encontros agora ocorrem em formato virtual

trada nos canais das instituições parceiras e no canal da SPPA no Youtube.

A última atividade realizada até outubro, a *Psicanalítica em Cena*, deu continuidade à parceria da SPPA com o *Porto Alegre em Cena*, vinculado à Secretaria Municipal de Cultura. Em 26 de outubro o excelente texto do escritor e dramaturgo português Ricardo Cabaça, intitulado "Corpo Futuro" foi apresentado de maneira criativa pela atriz Evelyn Ligocki, abordando a forma como o corpo e a identidade feminina são representados ao longo dos séculos. Após a apresentação seguiu-se um excelente debate entre a psicanalista Regina Klarmann, a atriz e o próprio escritor.

O diretor Emilio Salle destaca que "todo esse trabalho só tem sido possível graças ao esforço e à dedicação dos integrantes da Comissão da Diretoria de Divulgação e Ações junto à Comunidade e dos funcionários da SPPA, em particular Débora Agnes".



27º Porto Alegre em Cena

Essas atividades são compostas por debates entre atores, diretores e psicanalistas da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

CORPO FUTURO

26/10/2020 às 21h
Site: www.portoalegreemcena.com
Youtube: Poa em Cena

Mediação: Fernando Zugno

A Atriz Evelyn Ligocki e o Diretor e Dramaturgo Ricardo Cabaça conversam com Regina Klarmann, Psicanalista, Coordenadora da COWAP/SPPA (Comitê de Estudos Psicanalíticos sobre a Mulher).

ATIVIDADE ABERTA E GRATUITA



QUEREMOS AJUDAR TODO O RIO GRANDE A ENFRENTAR ESTA PANDEMIA
Nosso link está disponível para qualquer pessoa, de qualquer lugar do Rio Grande do Sul, que queira/necessite conversar remotamente sobre suas angústias frente à pandemia da Covid-19.



Atendimento Solidário em Saúde Mental para o RS: Covid-19
51 98193.7387 / 51 99997.9085 / 51 3334.3340
Acesse o link: bit.ly/2wrEBKp

